
UMA PROPOSTA DE TEOLOGIA DO ESPÍRITO

PARA O PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

A PARTIR DE JÜRGEN MOLTSMANN*

Claiton Ivan Pommerening**

O Pentecostalismo no Brasil consegue ser extremamente líquido (BAUMAN, 2003), porque se adapta ao calor de uma religiosidade “bricolagem” (CARDOSO, 1997, p 349) herdada da assimilação indígena, africana e europeia, potencializada por um tempo presente de desconfiança nas instituições, impermanência de convenções sociais e mudanças culturais em velocidade desesperadora e impossível de assimilar. Dessa forma, a mercantilização da fé impõe que os produtos religiosos devem ser modificados a cada instante, de acordo com as novas, constantes e crescentes necessidades de um “mercado consumidor” da fé exigente, com suas demandas por produtos inovadores que atendam à voracidade consumista.

O pentecostalismo clássico sobreviverá em meio à rapidez das mudanças externas e às resistências internas? Historicamente sempre aconteceu o “milagre” da adaptação, mas recentemente está tendo que lidar, embora isso não se admita de forma aberta, com uma provável despentecostalização, ou seja, o agir livre e espontâneo do Espírito, que sempre esteve presente nesta igreja, precisa dar lugar às exigências de uma nova classe média que não pode se permitir envergonhar pelas manifestações imprevisíveis de louvor, choro, falar em línguas ou qualquer outra experiência pentecostal.

* Recebido em: 05.06.2014. Aprovado em: 17.06.2014. Texto publicado como parte da pesquisa de doutorado sob orientação do Dr. Oneide Bobsin

** Doutorando em Teologia na Escola Superior de Teologia. Bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Professor de Teologia na Faculdade Refidim (Joinville – SC) Membro do Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo. Editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441). Pastor na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5540550378381150>

Esses movimentos vão dando lugar a uma igreja cuja identidade não pode mais ser explicável como única, ela se torna nova e velha ao mesmo, moderna e conservadora, volúvel e engessada; assume formas diversas de acordo com o local e as demandas populares e pastorais¹ de onde está inserida, ou seja, racionalmente não poderia dar certo, mas misteriosamente tudo acontece.

Entretanto, em meio a essas mudanças, o tema do Espírito Santo e algumas ênfases sobre os dons sobreviveram e tornaram-se quase cristalizadas, se não na prática litúrgica (com sua espontaneidade), porém no discurso, pois este último sobreviveu às mudanças que se impuseram ao pentecostalismo clássico; não descartando discursos e práticas neopentecostais que foram sendo assimiladas e também tem seu lugar próprio (POMMERENING, 2013).

A teologia do Espírito Santo no Pentecostalismo é de tradição majoritariamente oral, contudo conta com algumas obras escritas sobre o assunto, na maioria traduzidas do inglês; algumas obras vêm repetindo o relato da experiência do dia de pentecostes, ampliando os escritos de Paulo² apóstolo sobre o assunto ou relatando experiências pessoais. Dentre algumas obras de pentecostais escritas, destacam-se as seguintes: Bom dia Espírito Santo de Benny Hinn; Surpreendido pelo poder do Espírito de Jack Deere; Eles falam em outras línguas de John Sherril; Como receber o batismo com o Espírito Santo de Gordon Lindsay; Espírito Santo revelação e revolução de Reinhard Bonnke; O Espírito Santo, meu companheiro de Paul Yonggi Cho; O Espírito Santo e seus dons e A respeito dos dons espirituais de Kenneth Hagin; O dicionário do Espírito Santo de Geziel Gomes; No poder do Espírito de William e Robert Menzies; A doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento de Stanley Horton; O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo de Stanley Horton; O batismo no Espírito Santo e com fogo de Anthony D. Palma; A existência e a pessoa do Espírito Santo de Severino Pedro da Silva; Pentecoste de Donald Gee; Nos domínios do Espírito de Estevão Angelo de Souza; O vento sopra onde quer de Lewi Pethrus e Pentecoste para todos de Emílio Conde.

Das acima citadas a que tem mais destaque é Eles falam em outras línguas que vendeu mais 2,5 milhões de cópias em todo mundo. As únicas de caráter mais dogmático são No poder do Espírito e O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo. Essa última e as oito últimas do parágrafo anterior foram editadas pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Destaca-se também a dissertação de mestrado de Reginaldo Leandro Plácido com o título Na dimensão do Espírito: uma leitura do Espírito Santo na Teologia Pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich, uma das primeiras iniciativas de cunho mais acadêmico.

Com essa breve descrição de obras de vertente pentecostal que versam sobre o Espírito Santo, percebe-se a carência de uma reflexão escrita que dê conta de explicitar

doutrinariamente tal fenômeno. Todavia, essa tarefa não é simples de fazer, pois aquilo que ocupa o lugar de anseio último do ser humano é incrivelmente difícil de ser descrito. Talvez teologicamente seja mesmo impossível, por isso a escassez de livros escritos. Mas utilizando-se de outras ciências, tais como a ciência da religião, a antropologia e a psicologia, quem sabe se possa chegar a construir uma teologia do Espírito com ênfase pentecostal, para, a partir delas e com a ajuda delas, chegar-se a uma obra doutrinária.

Essa pretensão não está presente neste breve escrito, demandaria um trabalho exclusivo e exaustivo de pesquisa. O presente texto atém-se a entender o agir do Espírito Santo de forma livre, tendo o pentecostalismo como contexto principal, tomando por base os escritos de alguns teólogos, dentre eles Jürgen Moltmann³. Não pretende ser, portanto, uma pneumatologia, apenas uma busca de compreensão e a tentativa de tornar escrita uma teologia oral do Espírito presente no pentecostalismo, para uma melhor compreensão.

De início, abordaremos a importância da experiência seguida da reação humana diante dela, depois falaremos de como essa experiência constitui a comunidade do Espírito e, por fim, como a experiência lança, ou deveria lançar a comunidade ao serviço de uns aos outros.

A EXPERIÊNCIA COM O ESPÍRITO

A experiência do Espírito tem sido de grande importância para os pentecostais, ela é que funda a compreensão de fé e traça importantes caminhos de organização pessoal, familiar e social para seus adeptos. Nela os pentecostais têm dado ênfase e experimentado conforto espiritual, embora seja, numa teologia mais racional, difícil de explicar ou até mesmo inaceitável. Segundo Moltmann, a teologia não deve renunciar a experiência do Espírito (MOLTMANN, 2010, p. 149).

Esta experiência pessoal do Espírito é expressa por muitas pessoas por estas simples palavras: “Deus me ama”. Nesta experiência de Deus elas experimentam sua própria, indestrutível e intransferível dignidade, de modo que conseguem erguer-se do pó. Encontram-se a si próprias e não precisam mais esforçar-se por quererem ser desesperadamente elas próprias ou por desesperadamente não quererem ser elas próprias (MOLTMANN, 2010, p. 15).

Dessa maneira a desorganização emocional, social, econômica e familiar passa a se organizar a partir da simples experiência que determina no indivíduo um sentimento de pertença, bem-estar e conforto, que por si só permitem novas perspectivas de vida, trazendo esperança e alívio. Os indivíduos sentem-se preenchidos com forças gigantescas e são encorajados a um novo estilo de vida (MOLTMANN, 2002, p. 108). Para o autor “as palavras da Bíblia, que

chegaram até nós através dos séculos, e as palavras de anúncio dos cristãos que ouvimos hoje, não procedem elas de experiências do Espírito semelhantes a esta?” (MOLTMANN, 2010, p. 15)

Assim, demonstra que não apenas o sujeito da experiência encontra resultados positivos, que atingem o “homem no núcleo de sua pessoa” de tal forma que “passam a constituir experiências” (MOLTMANN, 2010, p. 31), mas também todo um ambiente que o cerca e ainda com vistas ao futuro escatológico é afetado. É assim que o Espírito constrói a comunidade com experiências revelatórias de seu caráter abençoador e na concretização imediata do Reino de Deus entre os que se deixam levar pela visita do Espírito.

O inabitado do espírito “em nossos corações” alcança em nós camadas mais profundas do que a consciência. Desperta os sentidos, perpassa também o inconsciente e o corpo, e o torna vivo. Do espírito procede uma nova energia para a vida (MOLTMANN, 2010, p. 31).

Além de o Espírito libertar de forças destruidoras internas, liberta do mundo exterior, dos princípios, regras, normas que desde sempre envolvem a relação entre o homem e o mundo dentro de limites estreitos. O Espírito torna a pessoa livre de si mesma e livre das realidades exteriores (COMBLIN, 2009, p. 75).

A regra, segundo Comblin, para se manter livre é submeter-se ao discernimento do Espírito para escolher o que edifica e verificar as possibilidades mais convenientes dentro da responsabilidade da livre escolha, lembrando que este discernimento vai na contramão das convenções dogmáticas constituídas, pois vão além de simples obrigações, deveres e moralismos, levando em conta a promoção da vida em todas as suas nuances.

Pessoas que vêm de um ambiente opressivo experimentam, no consolo do Espírito, um profundo júbilo, já que este é “experimentado de uma maneira muito comovedora e consoladora que leva à oração, aos suspiros e às queixas diante de Deus”, produzindo esperança e fé para enfrentarem situações adversas. “Crescer desperta confiança em possibilidades ainda não realizadas no homem, na própria pessoa e nos outros” (MOLTMANN, 2010, p. 116). É neste anseio por Deus na solução de dificuldade que “esconde-se a força de atração que Deus exerce sobre os homens” (MOLTMANN, 2010, p. 80-1).

Na efusão do Espírito, o pentecostal experimenta a liberdade que ele não encontra no sistema econômico opressivo⁴ e excludente⁵, ultrapassando os “limites da realidade dada e determinada pelo passado” e busca as “possibilidades de vida que não se realizaram” (MOLTMANN, 2010, p. 116).

O coração se alarga. As metas da esperança da própria vida e as próprias expectativas de vida se fundem nas promessas de Deus de uma nova criação de todas as coisas. A própria vida finita e limitada recebe daí um significado infinito. A

profundeza transcendente do Espírito de Deus e a amplidão escatológica do Espírito da ressurreição fazem [...] experimentar a renovação e o renovar-nos caminha conosco (MOLTMANN, 2010, p. 150).

Outra característica da experiência é a alegria, pois o indivíduo experimenta regeneração da vida, libertando-o “da violência e da culpa, das faltas e ofensas, e enfim das sombras da morte.” Começa a “amar a vida” com o amor de Deus. Logo, “respira de alívio, passa a viver de cabeça erguida e andar ereto, e é tomada por uma indescritível alegria” (MOLTMANN, 2010, p. 149).

Todas as experiências anteriormente relatadas fazem parte das “experiências do Espírito Santo”; nelas se descobre uma “profundidade transcendente”, sendo o indivíduo “possuído de esperança” e começa a ver “possibilidades ilimitadas” diante de si. “O espírito de Cristo é nossa força vital imanente, o espírito de Deus é nosso espaço vital transcendente” (MOLTMANN, 2010, p. 150).

O DESLUMBRAMENTO HUMANO DIANTE DA REVELAÇÃO

O êxtase⁶ experimentado diante da revelação é descrito como momentos de libertação, cura e transformação de estruturas emocionais, algumas também físicas, que traziam perturbações e incômodos. Novas perspectivas de vida cheias de esperança e realizações agora governam a tomada de decisões e a organização da vida, a partir de então o indivíduo se afirma e se constitui como sujeito e construtor de seu destino.

A primeira experiência que os homens fazem de Deus [...], é a experiência de imensa libertação para a vida. Aqueles que são chamados pela palavra de Deus e de quem o Espírito de Deus toma posse experimentam libertações em diferentes domínios da vida. Interiormente a sua energia vital se liberta dos bloqueios da culpa e da melancolia da morte, exteriormente quebram-se os grilhões das opressões econômicas, políticas e culturais. Interiormente surge uma nova afirmação da vida, exteriormente novos espaços vitais são abertos. (MOLTMANN, 2010, p. 101).

As experiências no Espírito causam um deslumbramento inexplicável e se “exteriorizam não apenas nas palavras da linguagem, mas são tão variadas como é a própria realidade sensível” (MOLTMANN, 2010, p. 15), que faz o indivíduo abandonar velhos hábitos e vícios enraizados ao longo de sua vida, comprometendo-se a seguir um novo jeito de ser que muitas vezes exige mudanças de rotina, de concepções mentais, de organizações sociais e exige sacrifícios de obediência a uma estrutura eclesial estabelecida. O afeta de tal maneira, que está disposto até mesmo a submeter seus recursos financeiros. Instala-se no indivíduo um amor que poderá ser canalizado em qualquer direção. No pentecostalismo clássico ele é canalizado, especialmente para evangelizar e

fazer novos prosélitos. Nada é muito diante do deslumbramento causado pela habitação do Espírito e a certeza de que se pertence à comunidade do Espírito. Essa proximidade de Deus expulsa o desprezo pela vida e permite a retomada do amor por ela (MOLTMANN, 2010, p. 88).

O deslumbramento não pode ser explicado apenas no sentido intelectual, essa é uma tendência ocidental e masculina, pois muitas das experiências humanas são percebidas apenas pelos sentidos e penetram camadas inconscientes da alma, apenas pequena parte torna-se atividade reflexiva e interpretativa. Existem forças elementares da vida como amor e morte que são impossíveis de serem dominadas, assim também o é com as experiências do Espírito, elas simplesmente são avassaladoras (MOLTMANN, 2010, p. 15, 30-2).

Muita riqueza e plenitude da vida é reprimida pela racionalidade exacerbada, tornando a vida deserta e árida (MOLTMANN, 2010, p. 40-1). Não significa que o Espírito que gera vida age de forma irracional, apenas que sua forma de atuação passa também por percepções e sentidos que escapam à lógica racional, podendo se tornar irreverente e imprevisível. A dimensão mais profunda do ser “reside no pathos (afetividade)” e não “no logos (racionalidade)”; é nesse “transfundo” que emerge “a racionalidade, sempre imprevisível” (BOFF, 2013, p. 45). “Os conceitos criam ídolos, só o maravilhar-se e o espanto conseguem compreender alguma coisa”, disse Gregório de Nissa. Embora isto não signifique qualquer “limitação de conhecimento e nenhuma pobreza de pensamento, significa antes libertar o conhecimento na “amplidão” do Espírito de Deus, “que perscruta também as profundezas da divindade” e representa uma imensa riqueza de pensamentos” (MOLTMANN, 2010, p. 78).

Pensar o Espírito é pensar [...] a irrupção do novo e surpreendente. É pensar o devir, o permanente vir a ser. Este não pode ser apreendido com as categorias clássicas com as quais se elaborou o discurso ocidental, tradicional e convencional da teologia (BOFF, 2013, p. 10).

A experiência com o Espírito Santo deveria permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito. Esta experiência não pode ser produzida artificialmente, a não ser pelo Espírito, mas pode ser desejada e intensamente buscada. Não precisa ser necessariamente o batismo no Espírito Santo ou falar em línguas, se bem que estas são experiências fundantes do pentecostalismo, mas devem ser a devoção e a intimidade com a vida do Espírito.

Entretanto não se pode esquecer de que é a teologia que valida a experiência para que esta não se transforme em excitação religiosa, fanatismo, exibicionismo, fanfarrismo ou qualquer outra demonstração de esquisitice da psique humana.

Seguindo este mesmo raciocínio o teólogo pentecostal Daniel Chiquete se refere à “lógica del Espíritu”, ou seja, o agir do Espírito não obedece à lógica humana, pois se baseia na graça salvífica de Deus, que não tem condicionamentos e irrompe onde menos se espera, se utilizando de canais pouco usuais. “Esta “lógica del Espíritu” sobre la que intenta reflexionar la teología pentecostal debe ser valorada en su carácter “ilógico” en todo intento e intercambio de saberes con el pentecostalismo” (CHIQUET, 2008, p. 26).

A incompreensão de algumas dimensões mais profundas do ser humano talvez seja o motivo pelo qual, uma das coisas menos compreendidas no pentecostalismo, seja o falar em línguas, pois essa linguagem ultrapassa o inteligível, quando se é tomado pelo impulso intenso do Espírito que “ultrapassa as possibilidades meramente humanas” (MOLTMANN, 2010, p. 178). Além do falar em línguas, outras expressões profundas podem ser experimentadas, como profecias e todos os outros dons, louvor, adoração, riso e oração, na maioria como fruto de expressões espontâneas repletas de intensa alegria e paz. A maioria das manifestações são pessoais, no entanto, ao serem feitas na comunidade, arrastam consigo todos os presentes para a mesma experiência. Portanto o Espírito se revela individualmente não somente com o objetivo de edificar e construir a comunidade, mas também de mostrar sinais exteriores da chegada da vida eterna como triunfo sobre a morte. (COMBLIN, 2002, p. 112).

A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE DO ESPÍRITO

A transformação individual anteriormente descrita se estabelece em contato com a comunidade, pois é nela que acontece o apoio necessário para manter as novas constituições de sujeito anteriormente descritas. É na comunidade que se sente aceito e amado e encontra lugar para expressar as dores e alegrias decorrentes das novas decisões tomadas e estabelece sua nova identidade, permitindo-se sonhar com perspectivas antes nunca possíveis. Pode servir à comunidade com seus dons e talentos agora canalizados de forma a não apenas ser útil em seu trabalho secular, mas também no Reino de Deus.

A experiência do Espírito proporciona liberdade interior, mesmo permanecendo em situações adversas, pois na comunidade se aprende a liberdade respeitando-se e reconhecendo-se uns aos outros em reciprocidade.

Torno-me verdadeiramente livre quando abro minha vida aos outros e a compartilho com eles, e quando outros abrem sua vida para mim e compartilham-na comigo. Então o outro deixa de ser a barreira e passa a ser o complemento de minha liberdade. [...] Na mútua participação na vida os indivíduos se tornam livres para além dos limites de sua individualidade. [...] Nós o chamamos amor ou solidariedade. Nele experimentamos a união dos indivíduos isolados. Nele

experimentamos a união das coisas que a violência separou (MOLTMANN, 2010, p. 118).

Nessa abordagem não foram levados em conta os desvios e equívocos ocasionados por uma eclesiologia distorcida e comprometida em cooptar indivíduos a causas escusas e interesses individualistas, pois às vezes liberdade em comunidade é erroneamente interpretada como domínio. O domínio gera alienação, mas quando se experimenta a liberdade do Espírito cria-se a comunhão, pois esta é tornar-se uma coisa só uns com os outros. (MOLTMANN, 2010, p. 118).

Liberdade como domínio destrói a vida. O domínio não manifesta a verdade da liberdade, mas sua “mentira”. A verdade da liberdade humana está no amor que quer a vida. É o amor que leva a comunidades desimpedidas, solidárias e abertas. Só a liberdade como comunhão está em condições de curar as feridas que foram e que continuam a ser provocadas pela liberdade como domínio (MOLTMANN, 2010, p. 119).

É tão somente a ação do Espírito na constituição da comunidade que opera as obras anteriormente relatadas, apesar das ambiguidades humanas. Assim sendo a experiência de Deus se dá na “autoexperiência pessoal de comunhão” e na “autoexperiência social”, porque não pode haver encontro pessoal com Deus se este não for igualmente experimentado em comunidade (MOLTMANN, 2010, p. 97).

O que antes era sinônimo de pobreza, desprezo e opressão, na comunhão é enriquecido com a presença de irmãos e amigos, pois nela existem condições de ajuda recíproca, vencendo assim o individualismo, o isolamento e a ganância. Através da atuação do Espírito Santo “são desconstruídas diferenças injustas e enfraquecedoras por meio do amor, da misericórdia e da humildade” (WELKER, 2010, p. 29).

O AGIR CUIDADOSO PROPORCIONADO PELO ESPÍRITO

Uma das áreas deficientes do pentecostalismo é a falta de uma visão holística do agir do Espírito, falta esta que produz fuga e alienação de realidades importantes da vida. Tem-se confundido que o Espírito serve apenas à organização individual e construção comunitária, faltando um olhar mais atento à natureza, ao envolvimento político, às políticas públicas, à promoção de justiça social e a outras multiformes maneiras do Espírito agir no mundo.

A negligência com a natureza é consequência da ideia da iminência da volta de Cristo⁷. Como este mundo seria entregue à própria sorte com a saída dos crentes se desencadearia uma série de cataclismos de proporções dantescas e destruidoras, assim, a terra não precisaria de cuidados.

O envolvimento político teve início de forma institucionalizada com a bancada constituinte de 1988. No entanto, esse envolvimento levou em conta, quase exclusivamente, um compromisso com a liberdade religiosa. Até hoje as propostas

deste segmento evangélico na política se resumem, na maioria dos casos, a defesa da família e conservação da moral; todavia, lhe faltam propostas de envolvimento efetivo em políticas públicas e de promoção de justiça social. Dessa forma, assume uma atitude defensiva de seus interesses e combativa ao interesse de outros segmentos.

Experiência pentecostal [...] sem o seguimento pessoal e político de Jesus passam a ser uma coisa espiritualista e ilusória. O seguimento pessoal e político de Jesus sem a espiritualidade que “bebe do próprio poço” (G. Gutiérrez) torna-se legalista e rigorista (MOLTMANN, 2010, p. 121).

Porém, há de se destacar importantes trabalhos sociais desenvolvidos dentro do pentecostalismo com comunidades terapêuticas para dependentes químicos, abrigos para crianças em situação de vulnerabilidade social, atendimento às pessoas de baixa renda com distribuição de itens de necessidades básicas e instituição de estabelecimentos de educação nos mais variados níveis. Todavia, são iniciativas incipientes diante da capacidade laborativa e organizacional desse segmento religioso, bem como diante das necessidades da sociedade.

Neste sentido, Moltmann questiona a fraca presença dos pentecostais no dia a dia do mundo, no movimento pacifista, nos movimentos libertadores, no movimento ecológico. [...] Se os carismas são dados não para que se fuja da realidade deste mundo para um mundo de sonhos religiosos, e sim para testemunhar a soberania libertadora de Cristo nos conflitos deste mundo, então o ‘movimento carismático’ não pode transformar-se numa religião despolitizada, e muito menos despolitizante (MOLTMANN, 2010, p. 179).

A limitação da atuação do Espírito apenas aos dons carismáticos, torna o Reino de Deus limitado, pois impossibilita sua manifestação de forma mais concreta no mundo através da comunidade do Espírito. O Reino quer se estabelecer criando vida onde há sinais de morte, esperança onde se instalou a resignação, dignidade onde há vilipêndio, justiça onde impera a falta de escolhas, libertação onde domina a opressão, perdão onde existe culpa e amor onde há alienação e ódio.

O amor de Deus manifesto através da ação do Espírito, desperta forças que antes não havia e leva a comunidade a “consolar os tristes, curar os doentes e sanar as recordações, acolher estranhos e perdoar pecados, ou seja, salvar dos poderes da destruição a vida ameaçada e prejudicada.” Tal amor é “incomensuravelmente superior às decepções e mágoas que restringem e oprimem nosso amor à vida” (MOLTMANN, 2002, p. 29).

CONCLUSÃO

O pentecostalismo no Brasil, embora sofra influências de vários segmentos da sociedade, especialmente do neopentecostalismo, consegue manter uma linha dou-

trinária que enfatiza o agir do Espírito, ou seja, continua sendo uma igreja do Espírito, embora necessite ser melhor organizado sistemática e metodologicamente, conquanto a imprevisibilidade do Espírito jamais poderá ser totalmente compreendida e explicada, caso contrário deixará de ser mistério.

Assim sendo, a teologia pentecostal aproxima-se mais de uma teologia liberal do que ortodoxa, pois como ainda não conseguiu produzir obras literárias que cristalizem sua pneumatologia, permite que esta seja volátil, oral e suscetível a desvirtuamentos doutrinários. No entanto, deve-se reconhecer que a teologia exclusivamente racional e sistemática não consegue desincumbir-se dessa tarefa sem concomitantemente, reconhecer o deslumbramento emocional com suas muitas realidades subjetivas e sem o auxílio de teologias narrativas que deem conta deste fenômeno experiencial.

A experiência pessoal do Espírito de Deus, que quando é verdadeira produz impactos indeléveis em qualquer indivíduo, sempre deverá levá-lo a agir em prol da coletividade, pois assim como este está em sintonia com a trindade e nela forma uma perfeita harmonia em reciprocidade, assim também a manifestação desse Espírito construirá uma comunidade com indivíduos que servem uns aos outros e projetam sinais do Reino de Deus através do serviço em amor.

Notas

- 1 Pastoris no sentido administrativo, onde o pastor presidente tem poderes quase ilimitados, reivindicados com base em seu carisma e consagração divina.
- 2 Como a igreja à qual Paulo escreve sobre o assunto está familiarizada com o mover do Espírito, não há preocupação com a descrição dos mesmos, o que faz é uma lista deles e de outros poucos, apontando apenas como se usa na prática litúrgica.
- 3 De nacionalidade alemã, doutor em teologia e professor em Wuppertal, Bonn e na Universidade de Tübingen. Sua mais conhecida obra é Teologia da Esperança.
- 4 “A moderna economia de escassez, a moderna ideologia do crescimento e a compulsão de expandir-se constituem pactos com a morte. São jogos fatais com o medo das pessoas. Especulam com a voracidade de viver e sugam tudo das pessoas” (MOLTMANN, 2002, p. 111).
- 5 Segundo dados do IBGE 67,3% dos pentecostais recebem até 1 salário mínimo por mês e 28% de 1 a 3 salários mínimos (MENCHEN, 2014).
- 6 “Percepção do presente que é tão intensa a ponto de interromper o curso do tempo e suspender a transitoriedade. [...] Momento em que a vida é experimentada com tamanha intensidade. É uma percepção momentânea da eternidade, não uma percepção duradoura. [...] Percebemos estes êxtases excepcionais da vida com todos os sentidos, e no entanto eles ultrapassam as percepções sensíveis.” (MOLTMANN, 2010, p. 281).
- 7 Seria o arrebatamento da igreja, momento em que Cristo vem à terra levar para si aqueles que o aceitaram como salvador.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador da vida e Pai do pobres*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: Ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHIQUETE, Daniel. *Escritos a tempo y fuera de tempo*. Concepción (Chile): CEEP Ediciones, 2008.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.
- CONDE, Emílio. *Pentecoste para todos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.
- CROATTO, J. Severino. *Isaías: a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. São Paulo: Vozes/Sinodal, 1989.
- GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia sistemática pentecostal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- HORTON, Stanley. *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.
- LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MENCHEN, Denise; BRISOLA, Fabio. *População de baixa renda é maioria entre evangélicos*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2012/06/1112383-populacao-de-baixa-renda-e-maioria-entre-evangelicos.shtml>. Acesso em: 01 mar. 2014.
- MENZIES, William W.; MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal*. São Paulo: Vida, 2002.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2010.
- _____. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PALMA, Anthony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- POMMERENING, Claiton Ivan. *Pentecostalismo líquido: fluidez teológica entre os pentecostais*. *Azusa Revista de Estudo Pentecostais*, Joinville, Refidim, v. IV, nº 1, jan. 2013.
- WELKER, Michael. *O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.